

---

# A importância do Cancioneiro para o moral da tropa em situações de combate – A Experiência do Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil

*E todos cantam, mesmo os desafinados. Fazem-no na guerra como em tempo de paz. Assim se mantêm unidos e emocionalmente equilibrados. (Torres, 1985)*

Maria Luiza Pigini Santiago Pereira<sup>1,2,3,4</sup>

1 Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

2 Especialista em Psicologia da Saúde

3 Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/9431504140944365>

4 [spluiza@uol.com.br](mailto:spluiza@uol.com.br)

---

**RESUMO:** O presente trabalho focaliza a importância do cancionário compartilhado pelo Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil (1º GAvCa) durante sua participação na Segunda Guerra Mundial. Mais do que uma atividade lúdica, com propósito de acompanhar os momentos de lazer nos intervalos das saídas ofensivas, a cantoria revelou seu efeito emocional, influenciando sobre o estado de espírito e de ânimo dos combatentes. Uma verificação dessa manifestação nos veteranos do 1º GAvCa encontrou que ela não somente acompanhou a formação do espírito de corpo, como marcou os principais eventos e experiências que viveram, atuando como forma de expressão e organização das emoções suscitadas, revelando-se também um mecanismo de enfrentamento das diversas demandas vividas nessa situação de guerra. Assim, o cancionário pode ser considerado como veículo de alguns dos fatores da resiliência comunitária alcançada por esse Grupo. Para ilustrar essa realidade, destacam-se, no presente trabalho, as canções compartilhadas que foram consideradas mais representativas em função do momento em que foram suscitadas, as marcantes experiências que registraram e a portabilidade das mensagens que transmitiram.

**Palavras Chave:** 1. Resiliência. 2. Emoções. 3. Segunda Guerra Mundial. 4. Saúde dos Veteranos.

## The Importance of the Songbook for Troop Morale in Combat Situations – The Experience of Brazil's First Fighter Aviation Group

**ABSTRACT:** This work focuses on the importance of songbook shared by the first Brazilian Fighter Aviation Group (1st GAvCa) during its participation in World War II. More than a playful activity, with the purpose of accompanying leisure moments in the intervals of offensive outputs, the singing revealed its emotional effect, influencing the state of mind and the mood of the combatants. A verification of this manifestation in the veterans of the 1st GAvCa found that it did not only accompanied the formation of the *esprit de corps*, as marks the main events and experiences that they lived, acting as a form of expression and organization of the emotions raised. It is also revealing a mechanism to confront the various demands experienced in this war situation. So, the songbook can be considered as a vehicle of some of the factors of community resilience achieved by this group. To illustrate this reality, this paper highlights the shared songs that were considered to be more representative in relation to the moment they were raised, the striking experiences that have recorded and the portability of the messages they have transmitted.

**Key words:** 1. Resilience. 2. Emotions. 3. World War II. 4. Veterans' health.

**Citação:** Pereira, MLPS. (2024) A importância do Cancioneiro para o moral da tropa em situações de combate – A Experiência do Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil. *Revista Conexão Sipaer*, Vol. 14, N°. 1, pp. 4-11.

### 1 INTRODUÇÃO

A literatura científica leva à inquestionável constatação de que poucos eventos são tão estressantes quanto a guerra. Nem mesmo os combatentes, treinados e protegidos pelo “espírito de corpo” e por uma visão conceitualmente organizada pela cultura sobre o significado da guerra, ficam imunes às suas consequências.

Se por um lado a literatura é profusa ao evidenciar as consequências negativas da participação em combates bélicos, por outro também se observa uma preocupação em busca do entendimento sobre que fatores podem agir como protetores para os combatentes.

Nesse sentido vem crescendo o interesse por pesquisas que incluem o conceito de resiliência na abordagem de populações de militares. Uma busca genérica no *Google Academics*, cruzando os descritores “resiliência” e “militarismo”, retorna 32.200 ocorrências, sendo que, dessas, cerca de 15.800 a partir do ano de 2019.

Esse evento é compreensível se for considerado que o conceito de resiliência remete à compreensão dos recursos dos seres humanos que permitem sua adaptação, criativa e fortalecida, a contextos de significativa adversidade, tais como aqueles aos

quais ficam sujeitos os militares, especialmente em situações de combate (CORNUM et al., 2011; SALES et al.; 2017; UMANN; LAUTERT, 2016; SHEERIN et al, 2019).

Em um estudo de revisão sistemática dos aspectos psicossociais, neurobiológicos, preditores e promotores de resiliência em militares, conduzido por Cotian et al. (2014), confirmou-se o papel protetivo da resiliência/*hardiness* quanto ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), assim como a associação direta entre resiliência e saúde.

Quando esses combatentes pertencem a uma força aérea, há também a questão das vicissitudes ligadas ao voo, já que a atividade aérea também é entendida como uma importante fonte de estressores para os indivíduos que nela atuam, considerando-se, entretanto, que o comportamento resiliente pode atuar como mediador na exposição ao estresse ocupacional (SILVA; D'ANGELO, 2022).

A compreensão dos aspectos do processo de enfrentamento que podem levar a uma interação bem-sucedida entre atividade aérea e participação em combate se mostra relevante para a fundamentação de programas de treinamento e prevenção em saúde, tanto no âmbito militar como também no da aviação de modo mais amplo.

Em pesquisa sobre fatores de resiliência no Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil (1º GAvCa) na Segunda Guerra Mundial, Pereira (2007) observou a rica manifestação musical, utilizada por esse grupo para marcar momentos importantes da experiência que viviam.

O presente trabalho, fazendo um recorte em pesquisa sobre fatores de resiliência em ambiente de aviação (PEREIRA, 2007), traz elementos que remetem a comportamentos resilientes ligados ao manejo das emoções por meio de expressões musicais, identificados nos relatos de membros do Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Para ilustrar essa realidade, destacam-se as canções compartilhadas as quais foram consideradas mais representativas em função do momento no qual foram suscitadas, as marcantes experiências que registraram e a portabilidade das mensagens que transmitiram.

Sem desconsiderar o fato de que o conceito de resiliência é multifacetado, cuja complexidade e processo histórico têm levado à necessidade de constante refinamento e compreensão a partir de diferentes referências teóricas e escolhas metodológicas, de acordo com Oliveira et al. (2021), no presente trabalho, a definição adotada refere-se “à capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (GROTBERG, 2005, p. 15).

Ao mesmo tempo, por se tratar de uma experiência adversa vivida coletivamente, adota-se também a categorização feita por Ojeda (2005) sobre os pilares da resiliência comunitária, quais sejam, a autoestima coletiva, a identidade cultural, o humor social e a honestidade estatal. Segundo esse autor, seriam esses os fundamentos da capacidade de resposta positiva de comunidades expostas a adversidades ou riscos.

## 2 RESILIÊNCIA E O ENFRENTAMENTO HUMANO

As pesquisas sobre resiliência vêm oferecendo um arcabouço teórico interessante sobre o processo de enfrentamento humano em seu sentido mais amplo.

Pesquisadores como Tugade, Fredrickson e Barret (2004) apontam para a capacidade de os resilientes entenderem a complexidade de suas emoções, valendo-se desse entendimento para adaptarem-se com flexibilidade e mais recursos em resposta às circunstâncias negativas.

No entanto, em pesquisa sobre fatores de resiliência no Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil (1º GAvCa) na Segunda Guerra Mundial, Pereira (2007) observou ocorrer entre os membros do Grupo um certo distanciamento entre as experiências que viviam e a rotulação das emoções então eliciadas. O estilo se caracterizava por uma experimentação silenciosa e não compartilhada das ditas emoções negativas, particularmente, medo, raiva e tristeza:

*No grupo existiam os 'tristes-vidas' e os companheiros que eram mais alegres, mais eufóricos e que aproveitavam as situações de tristeza para transformar aquilo num 'Adelfi', num 'Carnaval em Veneza', numa canção para poder viver.*

*Olhando em volta de nós, reconhecemos em vários companheiros do Grupo as suas armaduras. Cada um usando-a a seu feitio, mas sempre armadura.*

*Considero a armadura de outro companheiro uma das mais reforçadas do modelo criado e desenvolvido nas Alterosas. Outro, bravo e pequenino, armava-se com um poderoso e solene palavrão. Já a de outro consistia naquele leve sorriso, puxado a gozação, com o qual procura ainda hoje desmontar o interlocutor. Tem a sua na cara, pois, à mais leve sugestão de amena lisonja, transforma a testa em campo arado, cerra os olhos, projeta o queixo e eriça o bigode. Outro ainda, usa o bom humor, com a irreverência arguta a esconder a verdade, com pinceladas surrealistas. Outro usava uma capa de sisudez, sendo na realidade um jovem alegre e brincalhão.*

*Existe, pois, ainda muita armadura boa, que foi e continua a ser usada, tal como no caso de um deles. Sendo a dele original, aquilo que ela não conseguia esconder, era excepcional. Um dia alguém o encontrou com os olhos marejados, como se tivesse acabado de chorar. - "...você está chorando?" - "Não! Soldado na guerra chora pra dentro, se chorar pra fora, prejudica os outros."*

*Quando cheguei, abri o canopy<sup>1</sup>, e a primeira pessoa que estava no avião era o meu mecânico, para me ajudar a sair. O meu mecânico, que era mais moço do que eu e um excelente profissional, me viu tremendo e perguntou: "É o frio, Tenente?". Eu disse: "É", mas não era frio não, era aquela emoção ainda de ter chegado da primeira missão e que eu não tinha forças para sair do avião. Não era medo, eu não senti medo de morrer, eu senti emoção, eu senti aquilo para o que estava preparado durante muito tempo.*

*Ninguém vai para o combate sem estar preparado, porque se não estiver preparado, não aguenta. Então não era medo, mas era uma fortíssima emoção de ter feito a primeira missão, a emoção de ter jogado bomba, dado tiro em todo lugar, a emoção de ter perdido um companheiro, que horas antes estava falando com você.*

Os discursos acima, sob a forma de discurso do sujeito coletivo (DSC, conforme explicado a seguir), ilustram essa forma de expressão das emoções negativas, sem explicitá-las ou rotulá-las com precisão, mesmo que experimentadas individualmente.

Aparentemente, como alternativa menos mobilizadora de sofrer e compartilhar tais emoções, observou-se a rica manifestação musical, utilizada por esse grupo para marcar momentos importantes da experiência que viviam. Mais do que uma atividade de lazer, percebeu-se o seu efeito emocional, influenciando sobre o estado de espírito e de ânimo dos combatentes.

Mais modernamente, as pesquisas sobre terapia comunitária integrativa, criada, na década de 90 pelo Prof. Dr. Adalberto de Paula Barreto, vêm mostrando que o compartilhamento de histórias e músicas produzem impacto na saúde e no estilo de vida das pessoas, trazendo sentido de pertencimento, mas com respeito ao protagonismo e à singularidade dos participantes (FERREIRA FILHA; LAZARTE; BARRETO, 2015). Esse impacto pode ser percebido na experiência do 1º GavCa.

Segundo um dos veteranos, a música era buscada e amplamente compartilhada, independentemente do talento e da afinidade do combatente, agindo como um bálsamo, e se mostrando capaz de expressar a gama de intensas emoções despertadas por tempos de conflito:

*Então começou a surgir uma coisa extremamente importante no Grupo de Caça que foi a 'fase musical'. Um dos companheiros, grande conhecedor do folclore do norte, tinha aquelas canções, algumas que até hoje são cantadas nas bases de caças.*

*Era uma coisa espantosa como isso acontece. Nós cantávamos o 'popopó, piriri, piriró', 'a gatinha parda', coisas assim, eram até meio infantis, mas cantávamos com uma dedicação quase de coral, querendo fazer vozes diferentes. Era uma grande distração e um grande incentivo para nós, porque aquilo nos dava um entusiasmo...*

*Além do espírito de guerra, também tínhamos o espírito de divertimento...*

*Os rapazes do 1º Grupo de Caça evitavam preocupações. A guerra que estávamos fazendo já era preocupação bastante.*

Salientando sua importância, a produção musical do 1º GavCa acompanhou os momentos marcantes dessa experiência de combate, desde a formação do Grupo, sua longa fase de treinamento e, claro, a atuação no Teatro de Operações da Itália<sup>2</sup>. Para ilustrar essa evidência, destacam-se a seguir alguns desses momentos e o alinhamento das músicas - evocadas por seu caráter afetivo e de identidade nacional - em cada um desses momentos, com a experiência compartilhada, bem como seu papel na veiculação segura das emoções suscitadas.

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho se alinha aos pressupostos da Concepção Psicossomática e, mais especificamente, como mencionado, à teoria da Resiliência.

Os dados que sustentam os argumentos aqui apresentados fizeram parte daqueles compilados pela Autora em sua tese de doutorado, compostos de relatos históricos (BUYERS, 2004; INCAER, 1991; LAVENÉRE-WANDERLEY, 1975; LIMA, 1989) como também de testemunhos, sob a forma de depoimentos, registrados pelos componentes do 1º GavCa em diversos veículos, como livros, revistas, documentários e outros.

Esses testemunhos individuais, sob forma de discursos, foram obtidos das seguintes fontes:

1. Depoimentos pessoais dos ex-combatentes, sobre sua participação, como membro do 1º GAVCa, na Segunda Guerra Mundial, publicados em mídia impressa, recuperados dos seguintes livros:
  - a. **Senta a Pua!** - Rui Moreira Lima – Piloto de caça, com 94 missões de guerra (LIMA, 1989).
  - b. **História da Força Aérea Brasileira** – Tenente-Brigadeiro R/R Nelson Freire Lavenére-Wanderley – Oficial de ligação, com 13 missões de guerra (LAVENÉRE-WANDERLEY, 1975).
  - c. **Overnight Tapachula: Histórias de Aviador** – Alberto Martins Torres – Piloto de caça, com 100 missões de guerra (TORRES, 1985).

<sup>1</sup> Cobertura do cockpit do avião.

<sup>2</sup> Localização geográfica da atuação bélica do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

- d. **A História do 1º Grupo de Caça, 1943/1945** – John W. Buyers – Oficial da Força Aérea Americana que atuou como Ligação entre o 1º GAvCa e o Exército Americano, tendo voado 21 missões de guerra com os pilotos brasileiros (BUYERS, 2004).
  - e. **Avestruzes no Céu da Itália: A FAB na Guerra Européa** – Luiz Felipe Perdigão – Piloto de caça, com 85 missões de guerra (PERDIGÃO, 1945?).
  - f. **Heróis dos Céus – A Iconografia do 1º Grupo de Aviação de Caça na Campanha da Itália 1944-1945**, legendadas por Rui Moreira Lima e José Rebelo Meira de Vasconcelos, pilotos de caça, o primeiro já citado e o segundo com 93 missões de guerra (2004).
2. Entrevistas com os ex-combatentes, gravadas para o documentário “**Senta a Pua!**”, dirigido pelo cineasta Erik de Castro, gentilmente cedidas pela BSB Cinema.
  3. Entrevistas com os ex-combatentes, baixadas através do portal **Sentando a Pua!**, com a autorização do administrador, Luis Gustavo Gabriel, disponíveis em <<http://sentandoapua.com.br>>, acessadas em 19/02/2007.
  4. **Entrevista** aberta, realizada com o Oficial de Ligação entre os brasileiros do Grupo de Caça e os comandos americanos, gravada e depois transcrita em arquivo digital de texto.
  5. Aplicação de um **questionário**, composto por seis ou sete perguntas abertas, com respeito à experiência do ex-combatente com relação à sua participação na Campanha da Itália, respondido por seis veteranos.

Os procedimentos acima descritos foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Psicologia Clínica da USP e aprovados por meio do Protocolo de Pesquisa N° 103/2006, em conformidade com os critérios da Resolução n° 196, de 10/10/1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Especificamente quanto aos testemunhos, estes foram tratados segundo a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005) objetivando a homogeneização e categorização desse material verbal, de modo a salientar as representações sociais, ou seja, as ideias e crenças compartilhadas presentes nos discursos dos ex-combatentes.

Resumidamente, o Método do Discurso do Sujeito Coletivo propõe uma estratégia de análise de conteúdo que busca superar a simples categorização de ideias e sua redução às categorias e ao mesmo tempo resgatar o discurso como signo de conhecimento dos próprios discursos, o que torna mais clara a representação social como fenômeno (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 19).

Para tanto, os testemunhos são processados da seguinte maneira: identificação de expressões-chave (E-Ch), que consistem em trechos do material verbal, os quais descrevem um conteúdo específico, e sua rotulação como Ideia Central (IC) ou Ancoragem (Ac), ou seja, formulações básicas para a descrição desse sentido. Na sequência, procede-se à categorização das IC's e Ac's que possuam conteúdo semelhante ou equivalente, bem como sua respectiva rotulação. Finalmente, resgatam-se as expressões-chave que compõem cada categoria, com as quais se organiza um discurso único para cada uma delas, redigido na primeira pessoa do singular. Assim, cada uma das categorias de cada tema resulta num DSC específico.

Pela proposta dos autores, cada DSC é apresentado graficamente com formatação em itálico, fonte 10, sem aspas (por não se constituir em citações pessoais) e localizado à direita do texto, para seu claro destaque.

Assim, as citações literais aqui presentes se dão sob a forma desse discurso do sujeito coletivo (DSCs), composto a partir das ideias centrais agrupadas em categorias, específicas e compartilhadas pelo Grupo, as quais permitiram desvelar os fatores de resiliência presentes no seu enfrentamento frente às adversidades daquele momento histórico. Os discursos em sua totalidade encontram-se disponíveis em Pereira (2007).

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO - A MÚSICA MARCANDO MOMENTOS FUNDAMENTAIS:

##### 4.1 O jingle “Adelphi”, a formação do espírito de corpo e a modelagem da expressão de luto:

A tradicional saudação do Grupo de Caça, o Adelphi, nasceu da reprodução de um jingle publicitário da época, que os jovens cantavam como brincadeira. No entanto, diante da primeira perda de um companheiro, um dos combatentes propôs gritarem um “adelphi” em honra ao falecido, “e não se falaria mais nisso”. Assim ritualizado, o Adelphi foi, a partir de então, muitas vezes reproduzido pelo Grupo, em momentos solenes. Importante destacar que a palavra tem suas origens no latim *adelphós*, que significa *irmão*, remetendo também à noção de *parceria* e *conjunto*, significado que, embora não conhecido pelos membros do Grupo, supostamente permaneceu subjacente.

Assim, o antigo *jingle* comercial extrapolou sua origem lúdica e jovial para se incorporar à Simbólica do Grupo de Caça, inconscientemente transformado em uma grave e solene saudação “entre irmãos, de irmãos, para irmãos”, e que, ao mesmo tempo, se presta a reforçar a ideia de coesão e pertencimento de seus membros:

*Mordi os beijos para não chorar. Contudo, aquela sua morte, a primeira acontecida nos céus da Itália com um piloto do 1o Grupo, não nos abateu; ao contrário, cada um de nós ficou mais motivado para continuar a luta. Bom, demos um 'Adelfi' para ele - 'adelfi' era, e ainda é, uma saudação especial que somente nós, do Grupo de Caça, usamos -, depois tomamos um pileque de vermute e sentimos a morte dele cantando, brincando.*

*Conforme o procedimento adotado no 1º Grupo de Caça, oferecíamos um vibrante "Adelfi" ao desaparecido, bebíamos à sua saúde e não se falava mais nele. Cada um sentia a dor a seu modo, mas nunca a externando ...*

#### 4.2 “Canção da Jardineira” e o impacto da interação com os americanos:

Consta que o Grupo, quando se apresentou na base americana de Suffolk, para a etapa final de seu treinamento e incorporação àquela força aérea, não tendo uma “canção da aviação” compartilhada, jovem e sem tradições que era, marchou, ao final da solenidade militar, cantando com entusiasmo essa hoje tradicional marchinha de carnaval:

*“ó Jardineira por que estais tão triste? Mas o que foi que te aconteceu?...”<sup>3</sup>*

O canto provocou a admiração dos americanos por sua “vibrante, melodiosa e guerreira” canção da aviação. Tal escolha marcou o estilo bem-sucedido de adaptação à máquina de guerra americana: a valorização da própria herança cultural, o bom humor e a flexibilidade.

*O treinamento foi acompanhado pelo Coronel Disosway, até nós embarcarmos para a Itália, e inclusive teve que vencer no início um pouco o ceticismo dos instrutores americanos que queriam nos dar instruções como se fôssemos menos experientes... nossos instrutores eram pilotos experimentados e nos olhavam como garotos, como recrutas, embora nessa época eu já houvesse sido promovido a Capitão...*

*Quando recebemos os P-47 na Itália, um dia antes os americanos já tinham recebido os P-47 deles e fizeram um show de acrobacias, 'pintaram e bordaram' em cima da base. E nós, que sabíamos fazer tudo isso, esperamos o dia seguinte para fazer o nosso show também. O Coronel Nero, com sua sabedoria e experiência, disse que não queria show e que quem o fizesse seria preso e perderia a diária de voo por três meses. Ele disse que não estávamos lá para dar show e sim para guerrear. Aí alguém retrucou: "Ah, mas os caras fizeram", e ele se manteve firme: "Não quero saber disso. O que eu quero é saber o que vamos fazer e nós temos muito o que fazer contra os alemães"...*

*Enxergávamos muito mais do que os americanos. Eles não tinham a obrigação de ter a mesma experiência que nós tínhamos...*

*Fomos adaptando e melhorando a situação até chegarmos em um ponto no qual os americanos copiavam o que a gente fazia...*

*Havia muitas que só os brasileiros faziam porque sabiam voar 'asa dentro de asa', colados um no outro. Os americanos que tinham, vamos dizer, aquele 'treinamento de 7 de setembro', desfile, fazendo 'bonitinho' e coisa do gênero, não saíam com mau tempo, e quando saíam não chegavam no destino. Por isso esse estágio final foi muito útil e nós chegamos à Itália posteriormente com muita confiança no nosso próprio trabalho...*

*A bordo do Colombie<sup>4</sup> não tínhamos qualquer problema com os americanos, havia o respeito mútuo. Eu, pelo menos, não conheço um caso de agressão entre nós e eles. Já entre eles isso acontecia, porque os americanos quando bebiam 'perdiam a cabeça'...*

*A máquina fotográfica tem uma história muito engraçada, por que os brasileiros conseguem sempre as melhores fotos (das missões)?" E tinha um piloto...que era muito irreverente, tinha uns trinta anos de idade, e ele disse: "Vocês se reuniram tão formalmente para fazer uma pergunta dessas? Os brasileiros vão lá embaixo! É só vocês irem lá embaixo e tirarem a mesma fotografia!"...*

Vale destacar que uma evidência dessa adaptação positiva está concretizada na obtenção da *Presidential Unit Citation*, condecoração oferecida pelo Governo Americano em face dos resultados obtidos pelo Grupo de Caça brasileiro naquele evento.

#### 4.3 O “Carnaval em Veneza” e a síntese da experiência de guerra que viveram:

Em fevereiro de 1945, em plena campanha no Teatro de Operações da Itália, registra-se que o Grupo saiu para uma ação ofensiva, retornando pela cidade de Veneza, “brilhando lindamente ao sol”, local em que foram duramente rechaçados pela artilharia antiaérea nazista, da qual conseguiram se defender, sem baixas. Ao retornarem, seguindo para almoço, entraram no Club e encontraram os músicos entoando a tradicional música italiana “*Funiculi Funiculá*”. Ocorre que era domingo de carnaval no Brasil e os combatentes lembraram de outra marchinha de carnaval, parodiando o “*Funiculi*”, o “Carnaval em Veneza”. Ato contínuo, sem planejamento explícito, conforme relatam, sentaram-se e rabiscaram outra paródia para essa marchinha, agora descrevendo essa difícil missão, levada a cabo longe desse momento de alegria que estariam vivendo no Brasil.

Na letra destacam-se vários aspectos de uma saída ofensiva, num estilo bem brasileiro. A canção foi recebida com entusiasmo pelos demais membros e, por sua representatividade e simbolismo, acabou por evoluir para a “Canção da Aviação de Caça” do Brasil e hoje é reproduzida em solenidades militares.

*São quatro coisas que ninguém apaga do Grupo de Caça: a imagem do Nero Moura<sup>5</sup>, o "Senta a Pua" do 1º Grupo de Caça, o Adelfi<sup>6</sup> - nosso grito de guerra - e o "Carnaval em Veneza". Essas quatro marcas viverão eternamente.*

<sup>3</sup> Marchinha de carnaval “A Jardineira”, letra de Herivelton Martins.

<sup>4</sup> Nome do navio que conduziu o 1ºGavCa dos Estados Unidos para a Itália, onde atuariam.

<sup>5</sup> Nome do Comandante do Grupo.

<sup>6</sup> Tradicional saudação do 1º GAVCa.

Eis a transcrição de ambas as letras:

### A Dança do Funiculi

Letra e Música de Benedito Lacerda e Herivelto Martins

Passei o Carnaval em Veneza  
Com muitas saudades daqui  
Tentei cantar a Tirolesa,  
A Jardineira  
Mas não consegui

O povo de lá só cantava  
A sua canção popular  
E eu vendo que nada arranjava  
Entrei no cordão e comecei a cantar assim:

Iamo, iamo, iamo, iamo iamo  
Iamo, iamo, iamo, iamo, ia

Funiculi, funiculá  
Funiculi, funiculá  
Atacaram a tarantela  
E não quiseram mais parar

### Canção Da Aviação De Caça Da Força Aérea Brasileira

Letra: Capitão Pessoa Ramos e Tenentes Rocha, Perdigão, Meira e Rui

Passei o Carnaval em Veneza  
Levando umas "bombinhas" daqui  
Caprichei bem o meu mergulho  
Foi do barulho, o alvo eu atingi  
(BINGO!!!!)

A Turma de lá atirava  
Atirava sem cessar  
E o pobre "Jambock"<sup>7</sup> pulava  
Pulava e gritava sem desanimar  
assim:

FLAK<sup>8</sup>, Flak, este é de quarenta  
Flak, Flak, tem ponto cinquenta

Um "Bug"<sup>9</sup> aqui um "Bug" lá  
Um "Bug" aqui um "Bug" lá  
Senta a Pua minha gente  
Que ainda temos que estreifar<sup>10</sup>

#### 4.4 A Ópera do Danilo e a dor da perda de um companheiro:

Dentre as experiências descritas como mais dolorosas relatadas pelos ex-combatentes encontra-se a dor pela perda de um companheiro. Alguns deles foram abatidos em território inimigo, deixando no Grupo a dúvida sobre seu destino. A história de um deles, entretanto, pelas características inusitadas que permitiram que ele conseguisse retornar do território inimigo a salvo, numa jornada de dois meses, marcou especialmente os membros do Grupo.

Era ele o Tenente Danilo Moura, irmão do Comandante que, ferindo-se ao saltar de paraquedas após ser abatido, utilizou-se de vários estratagemas, inclusive de seus próprios ferimentos, para retornar à Base, muitas vezes contrariando consciente e planejadamente, o treinamento recebido para enfrentar essas situações.

Assim, percorrendo centenas de quilômetros pelas vias principais, valeu-se do ferimento na língua causado pela queda brusca de paraquedas, para disfarçar o sotaque e se fazendo de italiano “*sfolato per la guerra*” (ferido de guerra). Confrontava soldados alemães e o frio intenso, conseguindo ajuda por meio dessa história de cobertura de que sua casa fora bombardeada e que ele perdera todos os documentos e estava à procura de parentes. Mimetizou-se perfeitamente aos transeuntes das vias que percorreu. Foi bem-sucedido ao cruzar o Rio Pó, com a ajuda de partisanos<sup>11</sup>, retornando à Base de Pisa e ao Grupo brasileiro, 19 quilos mais magro.

Sua história impactou de tal forma os companheiros que ouviram seu longo relato que, ato contínuo, passaram a descrevê-la em uma ópera em quatro atos, a “Ópera do Danilo Moura”. Tal composição continha elementos de peças operísticas assistidas pelo Grupo em terras italianas, mescladas com trechos do cancioneiro popular brasileiro e do seu próprio cancioneiro.

Essa Ópera passou a ser regularmente apresentada, com cenários e adereços improvisados, mas com disciplina e concentração pelos membros do Grupo de Caça, conforme seu depoimento.

Sua força de representatividade reside no fato de conseguir condensar de maneira organizada a esperança de retorno que alimentou aqueles homens durante a incerteza do paradeiro de algum companheiro perdido em combate, além de salientar o exemplo de criatividade, flexibilidade, presença de espírito e brasilidade que permitiu a fuga bem-sucedida do Tenente Danilo Moura, mas porque não a campanha igualmente bem-sucedida de seus companheiros:

<sup>7</sup> Nome código atribuído aos pilotos brasileiros na fonia do rádio.

<sup>8</sup> Sigla do alemão *Fliegerabwehrkanone*, que significa “artilharia antiaérea”.

<sup>9</sup> Alerta para aeronave não identificada, possivelmente inimiga.

<sup>10</sup> Nome dado à busca e ataque de alvos de oportunidade, depois de realizada a missão prevista de bombardeamento.

<sup>11</sup> Grupo de Resistência à ocupação do Eixo.

*Danilo, depois de libertado, voltou para a nossa base e pôde então contar a sua história. Ele contou essa história, nós todos ouvindo, enquanto ele, dez quilos mais magro em apenas um mês, contava, de tal maneira fantástica, que nós, olhando um para o outro, dissemos: "Isso vale uma ópera". Então resolvemos fazer nossa própria ópera, em cinco atos: "A Fuga de Danilo Moura".*

*É a história do aviador que termina no chão, machucado e cercado de partisanos, eles meio revoltados com aquilo, então chamam a atenção: "Aviatori, que faz bombardeamento, matando gente, trazendo luto ...". Nessa hora, no Grupo de Caça, todo mundo entrava no coro; até o oficial de operações, que tinha a voz muito boa, também entrava nessa hora no coro. Essa cena é bem 'operística' e na encenação a gente fazia o Danilo pulando de paraquedas, que era de uma cadeira, e aí o coro de partisanos voltava.*

*Então essa ópera é hoje uma parte importantíssima do 1º Grupo de Caça, e mais importante ainda é porque, cinquenta anos depois, ainda é cantada nas nossas reuniões, nas noitadas nas bases aéreas, é espantoso.*

## 5 CONCLUSÕES

A Autora (PEREIRA, 2007) encontrou, ao lado de outros comportamentos resilientes que levaram à adaptação positiva do Primeiro Grupo de Caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial, um estilo de gerenciamento de emoções o qual, dentre outras características, valia-se do rico cancionário que emergiu durante aquela experiência, para expressar e organizar tais experiências. Esse tipo de organização permitiu também o compartilhamento das emoções dentre os demais membros do Grupo, levando ao mútuo apoio, de uma forma que acreditavam acontecer sem desestabilizá-los.

Segundo Wessely (2005), os homens lutam por seus amigos e os melhores protetores contra o colapso em batalha são a coesão e a união do grupo, além de questões como moral, liderança e bons equipamentos.

Além disso, depois da 'Canção da Jardineira', as músicas tinham o seu lado lúdico, que aliviava as tensões vividas, e ao mesmo tempo remetendo às coisas do Brasil, das quais estavam saudosos, estreitando assim os pontos de apoio na identidade cultural e no humor social. Assim, o cancionário resta destacado como veículo de alguns dos fatores da resiliência comunitária, segundo Ojeda (2005), alcançada por esse Grupo.

Uma verificação dessa forma de expressão nos veteranos do 1º GAvCa encontrou que ela não somente acompanhou a formação do espírito de corpo, como marcou os principais eventos e experiências que viveram, atuando como forma de expressão e organização das emoções associadas.

Além disso, revelaram-se também um mecanismo de enfrentamento das diversas demandas suscitadas nessa situação de guerra, seguindo a tendência de, ao se darem conta das emoções eliciadas, não as explicitavam ou não compartilhavam abertamente. O enfrentamento era feito de forma criativa e compartilhada, dando a impressão de negação das emoções relacionadas às dramáticas experiências que viviam cotidianamente.

A música, como recurso terapêutico, já consagrado na Psicologia, foi utilizada de maneira especialmente potente e criativa.

## REFERÊNCIAS

- BUYERS, John W. A história do 1º Grupo de Caça: 1943/1945. Maceió: J. W. Buyers, 2004.
- CORNUM, R., MATHEWS, M. D.; SELIGMAN, M. E. P. Comprehensive Soldier Fitness: Building resilience in a challenging institutional context. *American Psychologist*, 66(1), 4-9. 2011.
- COTIAN, M. S. et. al. Systematic review of the psychosocial, neurobiological, predicting and promoting aspects of resilience in the military personnel. *J Bras Psiquiatr* n. 63(1):72-85. 2014.
- FERREIRA FILHA, M. O.; LAZARTE, R.; BARRETO, A. P. Impacto e tendências do uso da Terapia Comunitária Integrativa na produção de cuidados em saúde mental. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*. 2015 abr./jun.;17(2):172-3. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i2.37270>.
- GROTBERG, Edith H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Néstor (Org.) *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.
- HERÓIS DOS CÉUS: a iconografia do 1º Grupo de Caça na campanha da Itália 1944-1945. [S.l.]: Action Editora, [2004].
- INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (INCAER) (Brasil). *História geral da aeronáutica brasileira*. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Vila Rica, 1991. 3 vol.
- LAVENÉRE-WANDERLEY, Nelson F. *História da Força Aérea Brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1975.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *O Discurso do Sujeito Coletivo: Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)*. 2ª Ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.
- LIMA, Rui Moreira. *Senta a Pua!* Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Rio de Janeiro: Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica, 1989.
- OJEDA, Elbio N. S. Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Néstor (Org.) *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005. P 47-57.
- OLIVEIRA, K. S. et al. *Resiliência: teoria, avaliação e prática em psicologia/organização*. 1ª Edição. São Paulo: Hogrefe, 2021.

- PERDIGÃO, Luiz F. Avestruzes no céu da Itália: a FAB na guerra européa. [S.l.: s.n.]. [1945?].
- PEREIRA, Maria Luiza P. S. Senta a Pua: resiliência em ambiente de aviação. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 418 p. 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15644>. Acesso em: 13 fev. 2024.
- SALES, C. M. D., et al. Treino da resistência psicológica na recruta militar em Portugal: o papel da coesão militar, da autoestima e da ansiedade na resiliência. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(2), 317-337, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3626>
- SHEERIN, C. M.; AMSTADTER, A. B.; KURTZ, E. D.; BOUNTRESS, K. E.; STRATTON, K. J.; MCDONALD, S. D.; MID-ATLANTIC VA MIRECC WORKGROUP. The association of resilience on psychiatric, substance use, and physical health outcomes in combat trauma-exposed military service members and veterans. *Eur J Psychotraumatol*. 2019 Jun 27;10(1):1625700. doi: 10.1080/20008198.2019.1625700. PMID: 31263518; PMCID: PMC6598486.
- SILVA, K. M. N.; D'ANGELO, M. J. O papel da resiliência na relação entre o estresse e a satisfação no trabalho. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 21(2), 373-398. 2022.
- TORRES, Alberto M. Overnight Tapachula: histórias de aviador. Rio de Janeiro: Rev. Aeronáutica, 1985.
- TUGADE, Michele M.; FREDRICKSON, Barbara L.; BARRET, Lisa F. Psychological resilience and positive emotional granularity: Examining the benefits of positive emotions on coping and health. *Journal of Personality* 72: 6, p. 1162-1190, Dezembro de 2004.
- UMANN, Juliane; LAUTERT, Liana. Resiliência, estresse, presenteísmo e capacidade para o trabalho em militares do exército. *Rev Enferm UFPE on line.*, Recife, 10(12):4701-4, dez., 2016.
- WESSELY, Simon. Risk, psychiatry and the military. *British Journal of Psychiatry*. Nº 186, p. 459-466. 2005.